

**A dramaticidade na narrativa do impeachment de
Dilma Rousseff (PT) no Jornal Nacional**

**The drama in the *impeachment* narrative of
Dilma Rousseff (PT) on *Jornal Nacional***

Carla Montuori FERNANDES¹
Genira Correia CHAGAS²

Resumo

No contemporâneo ambiente social, mediado pelas tecnologias de informação e comunicação, as narrativas jornalísticas cuidam de transformar em espetáculo, às vezes dramáticos, determinados eventos políticos. O processo de *impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff (PT) alcançou repercussão midiática, com marcas de dramatização, pautado na controvérsia e no conflito. Este artigo tem por objetivo analisar a cobertura da edição do *Jornal Nacional* na semana que antecedeu a votação do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados.

Palavras-chave: Jornalismo. Espetáculo. Política. Mídia.

Abstract

In the contemporary social environment, mediated by information and communication technologies, journalistic narratives turn certain political events into a, sometimes dramatic, spectacle. The *impeachment* process of former President Dilma Rousseff (PT) reached mediatic repercussion, with some signs of drama, based on controversy and conflict. This article aims to analyse the issue surrounding the coverage made by *Jornal Nacional* in the week preceding the *impeachment* voting process at the Chamber of Deputies.

Keywords: Journalism. Entertainment. Politics. Media.

¹ Pós-doutora e doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da UNIP.

E-mail: carla_montuori@ig.com.br

² Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP.

E-mail: genirachagas@uol.com.br

Introdução

O desenvolvimento dos meios de comunicação no decorrer do século XX alterou o ambiente das práticas políticas. O espaço midiático tornou-se não apenas um meio, mas o local onde elas passaram a ocorrer. Ao assumir o papel de mediadora das relações entre as esferas governamentais e civis, a mídia deu visibilidade aos acontecimentos políticos e alterou a noção de publicidade. Nesse campo, a antiga prática teatral das representações políticas ocorridas em espaços públicos passou a ocupar um lugar privilegiado nas coberturas jornalísticas, que as narra de maneira espetacular, sobretudo diante de cenários intempestivos.

Em cenários de intensa repercussão, Rubim (2003) alerta para o fato de que as reportagens buscam incorporar maior valor à notícia, e dessa forma eleva a circulação dos jornais, tornando-os reféns do espetáculo. Debord (1997) considera que “o exagero da mídia, cuja natureza, indiscutivelmente boa, visto que serve para comunicar, pode às vezes chegar a excessos [...]”. Como exemplo, no rol dos excessos midiáticos, têm-se os desdobramentos da cobertura espetacular do processo do *impeachment* da ex-Presidente Dilma Rousseff (PT) pelos meios de comunicação.

Desde o início de seu segundo mandato, em 2015, a então Presidente convivia com ameaças de uma ação de *impeachment*. Ele estaria baseado em denúncias de financiamento de campanha com recursos amealhados por corrupção. As acusações partiram de empreiteiros capturados pela Operação Lava Jato³. Contudo, o processo de impedimento teve início por suposto crime de responsabilidade, a partir de um pedido protocolado na Câmara dos Deputados, em 17 de setembro de 2015, pelos juristas Miguel Reali Jr., Hélio Bicudo e Janaina Pascal.

O reforço à tese de *impeachment* por crime de responsabilidade veio com o anúncio da reprovação das contas públicas de 2014, pelo Tribunal de Contas da União, em 7 de outubro de 2015. Em 21 de outubro, os mesmos juristas apresentaram outro pedido de *impeachment*, apoiado em decretos presidenciais que aumentavam as despesas do governo sem a devida aprovação pelo Congresso. Os pedidos dos juristas não foram os únicos. Mas representavam os de maior apelo político e serviram aos

³ Operação deflagrada pelo Ministério Público e pela Polícia Federal para investigar esquema de corrupção e lavagem de dinheiro.

interesses do então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB), que estava sendo julgado no Conselho de Ética da Casa por quebra de decoro parlamentar⁴.

Diante do voto do deputado Sibá Machado (PT), pela admissibilidade do pedido de cassação de Cunha, este resolveu deflagrar, supostamente como vingança, o processo de impedimento de Dilma, em 2 de dezembro de 2015. A título de antecedente político, é oportuno destacar que a vitória nas urnas representava para a base aliada da ex-Presidente a possibilidade de o Poder Executivo exercer maior controle sobre a Lava Jato, com o cerceamento das ações do Ministério Público e da Polícia Federal.

Mas a ampliação do número de envolvidos no esquema de corrupção provocou uma fissura na coalizão governista. Nesse contexto, prevaleceu um ambiente de batalha política entre o Congresso Nacional e o Planalto. Liderados pelo ex-deputado federal Eduardo Cunha (PMDB), então presidente da Câmara, e pelo senador Renan Calheiros (PMDB), presidente do Senado, congressistas passaram a impor uma série de derrotas nas votações das emendas do governo, transformando a abertura do *impeachment* em elemento de chantagem e barganha política.

Além do enfraquecimento político da ex-Presidente, no âmbito do Congresso Nacional, outros fatores contribuíram para que o andamento da ação do *impeachment* ganhasse força. Contou também a crise econômica, motivo de insatisfação de parcela da população e da classe empresarial. A narrativa do processo de afastamento da ex-Presidente dá a medida do quanto a política é um jogo. Nesse campo, os meios de comunicação fazem o papel de agente, cuja ação de produção de sentido, segundo Bourdieu (2011), é capaz de transformar seu estado.

Nessa transformação, a mídia contribui para o fortalecimento do capital político que, segundo o autor (2011, p. 195), “está ligado à notoriedade, ao fato de ser conhecido e reconhecido, notável”, sendo “o capital político uma espécie de capital de reputação, um capital simbólico ligado à maneira de ser conhecido”. Com seu capital em desvantagem na cena política, Dilma viu seu *impeachment* ganhar força após aprovação na Câmara dos Deputados. Para ser mais assimilável, a narrativa jornalística construída em torno do *impeachment* ganhou técnicas do universo da ficção, onde:

⁴ Eduardo Cunha teve seu mandato de deputado federal cassado em 12 de setembro de 2016.

O elemento que mais salta os olhos na dramatização da política pelo telejornalismo é, provavelmente, o enquadramento de conflito como estrutura dramática. Essa estrutura supõe que pessoas e grupos estão necessariamente em conflito entre si, de forma que o narrador precisa identificar a matéria desse conflito e isolar os antagonistas. Eventualmente, e só eventualmente, há um antagonista, aquele que representa o bem contra o mal, em geral o governo quando este tem o apoio popular ou das elites, ou da oposição quando se trata de um governo sem apoio. (GOMES, 2004, p. 347)

Na mesma vertente teórica, Motta (2007) aponta que as notícias, em sua maioria, buscam o enquadramento do conflito de maneira dramática, explorando as rupturas e os embates. O autor endossa que o jornalismo político busca o enquadramento dramático e a metáforas de jogos lúdicos, elementos facilmente reconhecidos no imaginário popular. Rothberg (2007, p. 15) corrobora com a teoria do enquadramento ao apontar que “enquadramentos de jogo, estratégico e episódico podem assumir a forma de uma variação conhecida como enquadramento de conflito. Nesse caso, a ênfase da matéria recai sobre o potencial de disputa em tese envolvido nos movimentos dos políticos”.

Nesse sentido, esse artigo busca verificar como o tema *impeachment* foi enquadrado na edição do *Jornal Nacional* dos dias 11 a 16 de abril de 2016. Pretende-se responder se o noticiário recorreu à metáfora dos jogos na produção das reportagens. O estudo traz como premissa que o principal telejornal do Grupo Globo fez edições espelhadas na referida metáfora, na qual enquadrou os fatos ocorridos na Câmara dos Deputados na perspectiva de uma batalha, cujo trunfo em questão era a Presidência da República.

Ressalte-se que na semana que antecedeu a votação o clima político foi marcado por significativa tensão e forte polarização social, com manifestações pró e contra o *impeachment*. Como fundamento metodológico, o artigo busca os preceitos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e as categorias de enquadramento lúdico dramático tipo jogo, definidas por Motta (2007).

Discussão teórica sobre espetáculo-político midiático

Em boa parte da história, a política esteve ancorada na representação teatral, na fabricação de reis, heróis e vilões. Rubim (2003) relata que o ato de encenar é uma

característica intrínseca às sociedades humanas, que vislumbram na produção de espetáculos a possibilidade de seduzir o espectador.

Nas democracias contemporâneas, aponta Weber (2011), o espetáculo ultrapassa a dimensão do político e incorpora outros elementos, associados aos meios de comunicação. A transformação de um acontecimento público em espetáculo político-midiático está relacionada ao ato de deslocar o espetáculo das ruas para os meios de comunicação, ajustando-o às linguagens da propaganda e das narrativas teatrais.

Sua constituição prevê a participação de instituições e sujeitos da política, das instâncias de produção midiática, dos espaços de circulação de informação e opinião e, fundamentalmente, da participação da sociedade, de modo organizado ou espontâneo (WEBER, 2011). A autora esclarece que, no Brasil, são inúmeros os exemplos em que os cidadãos contribuíram, ao lado das organizações política e da mídia, para a constituição do espetáculo midiático, como as *Diretas Já*, o *impeachment* de Collor, os ambientes eleitorais, as celebrações nas posses presidenciais, etc. (WEBER, 2001, p. 13).

Na mesma vertente teórica, com a frase “a política se encena”, Gomes (2004) aponta para a imbricação entre a política institucional e as mídias. O autor faz uso da metáfora do teatro ao citar que grande parte das ações políticas – das decisões governamentais às questões partidárias e de campanha –, são representadas pelos meios de comunicação como longas peças, encenadas em uma narrativa tão dramática e espetacular quanto a ficção.

A produção do espetáculo midiático, segundo Gomes (2004) se efetiva a partir de três subsistemas: da ruptura das regularidades, da diversão e do drama. A ruptura da regularidade evoca o poder da mídia de capturar a atenção e, sempre que possível, a memória da plateia. A lógica da ruptura se efetiva pela presença do inédito, do novo, de tudo aquilo que choca e é capaz de gerar diversão:

Romper com a regularidade é apenas um passo importante do processo lúdico, que encontra complemento na lógica da diversão. Divertir-se é, literalmente, voltar-se do cotidiano para o novo, para o diferente, o irregular, o extraordinário, o aprazível. Pelo acionamento da diversão, a captura da atenção e da memória certamente torna-se mais fácil e, possivelmente, mais eficaz. (GOMES, 2004, p. 309).

Por meio de uma relação efêmera e veloz, sem qualquer possibilidade de aprofundar o conteúdo recebido, o espetáculo político busca na dramatização a motivação para prender a atenção do destinatário. Nos moldes das narrativas ficcionais, tornam-se fundamentais as técnicas voltadas para “a construção de enredos, de personagens e personalidades e para produção de meios (audiovisuais e cenários) de representação” (GOMES, 2004, p. 310).

Nesse contexto, em que é relegado aos aparatos midiáticos parte da responsabilidade por transformar a política em uma narrativa espetacular, será emprestada a noção de enquadramento lúdico dramático de Luiz Gonzaga Motta (2007), com vistas a ampliar a discussão sobre os preceitos que envolvem a produção jornalística.

O enquadramento narrativo dramático: metodologia de análise

O conceito de enquadramento se consolidou a partir de estudos voltados às teorias jornalísticas que analisam os efeitos políticos da mídia na construção da agenda pública. Com base no pressuposto de que os meios de comunicação de massa funcionam como agenda temática e influenciam a forma de pensar os acontecimentos políticos, o enquadramento jornalístico envolve seleção e saliência:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito (EATMAN, 1993, p. 52).

Motta denomina que o enquadramento predominante no jornalismo é o frame narrativo. Com base nos estudos de London (2005 apud MOTTA, 2007), que traz como argumento o fato de os sujeitos possuírem experiências difusas e caleidoscópicas dos acontecimentos, passíveis de compreensão apenas por meio do agrupamento de itens com base na similaridade, o enquadramento tornou-se o mecanismo “inconsciente dos jornalistas para transmitir as ocorrências selecionadas de uma forma compreensível, tornando as questões políticas inteligíveis para o público” (MOTTA, 2007, p. 2).

Os frames estão inseridos na estrutura cultural da sociedade, que se organiza de maneira narrativa. Na mesma vertente, Martín-Barbero (1997) aponta que a recepção é frequentemente mediada por práticas cotidianas que estão inseridas no contexto cultural e social do receptor. Assim, Motta (2007) destaca que os jornalistas se abastecem dessa cultura para organizar e apresentar seus relatos, com vistas a facilitar o diálogo com a recepção:

Realço aqui a reciprocidade para enfatizar que os enquadramentos utilizados pelos jornalistas e receptores têm origens comuns no mundo da vida, na cultura de ambos. Isso nos leva a inserir a análise dos enquadramentos jornalísticos nos mapas culturais da sociedade, que são utilizados na representação e apresentação que instituem a realidade política (MOTTA, 2007, p.2).

Com o intuito de seduzir a atenção da audiência, o jornalismo político estimula o conflito, “traz as personagens políticas para a arena, convoca-as em acusações e respostas sucessivas. Se há oposições latentes na política, o jornalismo as promove, se não as há, ele as incita. Alimenta o confronto em sucessivas afirmações e desmentidos das fontes, promove hostilidades, exacerba os conflitos” (MOTTA, 2007, p. 9).

Assim, como forma de facilitar a compreensão dos conflitos da esfera política, as narrativas jornalísticas recorrem ao que o autor denominou enquadramentos dramáticos lúdicos tipo jogos, mapeados por ele nas seguintes categorias: Guerra, Jogo de Xadrez, Jogos Esportivos, Corrida de Cavalo/Carro, Quebra-Cabeça e Ciclo de Herói.

No enquadramento tipo Guerra predominam termos como disputa, combate, luta entre as forças do bem e do mal, inimigo e aliado, negociação e acordo, derrota, vitória, ataque e defesa, entre outros. Já no tipo Jogo de Xadrez e outras modalidades de jogo de tabuleiro, predominam as temáticas vinculadas a estratégias de um oponente sobre o outro, da inteligência e da sabedoria das ações, das atuações estratégicas e táticas na representação do mundo e das disputas políticas. No enquadramento Jogos Esportivos prevalecem menções a jogos de campo, times, equipes e interesses antagonônicos a respeito das regras do jogo.

Corrida de Cavalo ou de Carro faz menção a velocidade – rapidez de quem chega primeiro, ultrapassa os adversários, supera os obstáculos. No enquadramento

Quebra-Cabeça prevalece o ideal do impasse, do encaixe de peças, combinação de partes, estratégias, temas que se assemelham a labirinto, revelações. Por fim, no enquadramento Ciclo do Herói, próprio das narrativas ficcionais, predominam temáticas com menção a aventura de um herói e seu ciclo de lutas, aventuras, sacrifícios, honras, bravuras, provas, tentações, recuperações.

Para mapear a cobertura do *Jornal Nacional* no processo de *impeachment* da ex-Presidente Dilma na Câmara dos Deputados, recorreremos ao enquadramento lúdico dramático com metáforas de jogos e a metodologia da análise de conteúdo de Bardin (2011).

Dividida em três etapas, a primeira fase da análise de conteúdo, nomeada de pré-análise, refere-se a organização do material propriamente dito, com a escolha dos documentos submetidos à análise, a formulação dos objetivos e a elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. Assim, foi realizada uma seleção de matérias jornalísticas veiculadas nas referidas edições do *Jornal Nacional*, cujo destaque é a temática do *impeachment*.

Em seguida, buscou-se identificar como o *Jornal Nacional* traduziu o clima político de votação do *impeachment*. Após a decupagem dos vídeos foi possível selecionar os enquadramentos lúdicos dramáticos que serviram como indicadores da análise, sendo Guerra, Jogo de Xadrez, Jogos Esportivos e Corrida de Cavalo ou de Carro os mais adequados. Como segunda etapa, fez-se a exploração do material, levando em consideração as categorias definidas na pré-análise. Por fim, na terceira fase, os resultados serão interpretados à luz do contexto político.

O enquadramento lúdico dramático nas reportagens do *Jornal Nacional*

A análise do enquadramento lúdico dramático baseado na metáfora de jogos considerou dezoito reportagens veiculadas no *Jornal Nacional*, na semana anterior a votação do *impeachment*, conforme aponta a tabela abaixo.

Tabela 1 - Reportagens – *Jornal Nacional* – 11 a 16 de abril de 2016

Chamada da Reportagem	Enquadramento	Palavras
11/04 - Comissão aprova relatório a favor do <i>impeachment</i> da Presidente Dilma	Guerra e Corrida de Cavalo	Favor (10x), contra (4x), defesa (5x), vitória (5x), derrota
11/04 - Por descuido, Temer envia a grupo discurso sobre <i>impeachment</i>	Guerra	Munição, embates, aliados
11/04 - <i>Impeachment</i> : segurança é reforçada dentro e fora do Congresso	Guerra, Corrida de Cavalo/Carro e Jogos de Xadrez	Favor, contra, contrários, lados opostos, defensores, confronto, grande arena.
11/04 - Manifestantes contra o <i>impeachment</i> se reúnem no Centro do Rio	Guerra	Contra (3x)
12/04 - Sem citar nomes, Dilma acusa Temer e Cunha de traição e conspiração	Guerra e Corrida de Cavalo	Derrota (3x), comemoração (2x), favor (5x), contra (3x), ganhar (2x)
12/04 - Cunha anuncia que a votação do <i>impeachment</i> será no domingo (17)	Guerra	Contra, favor
13/04 - Ordem de chamada para a votação do <i>impeachment</i> será por região	Guerra, Jogos de Xadrez e Corrida de Cavalo	Vitoriosa, perder, derrotar, Contra (3x), favor, pacto (2x), carta fora do baralho (3x), vencedores e vencidos, perder, regra do jogo, contra (2x), batalha
14/04 - STF analisa ações do governo e de aliados de Dilma sobre <i>impeachment</i>	Guerra, Jogos de Xadrez	Aliados, defesa, regra (2x), contra
14/04 - Batalha por votos sobre <i>impeachment</i> é acirrada entre deputados	Guerra, Corrida de Cavalo e Jogos Esportivos	Batalha (2x), contra (6x), favor, pró, já ganhou, placar, disputa, apoio
15/04 - STF rejeita pedidos para alterar ou sustar a votação de domingo	Corrida de Cavalo e Jogos de Xadrez	Derrota (2x), derrotado, empate, ganhar, vencidos
15/04 - Plenário da Câmara tem primeiro dia de discussões sobre <i>impeachment</i>	Guerra e Jogos Esportivos	Favor, contra (2x), ganha, mão grande, tapetão, defender
15/04 - Brasília tem segurança reforçada para votação do <i>impeachment</i> na Câmara	Guerra	Favor, contra (3x), confrontos, disputa
16/04 - Nas redes sociais, Dilma ataca defensores do <i>impeachment</i>	Guerra'	Ataca, atacar, atacou, defende, defender, inimigo, tiroteio
16/04 - Governo e oposição intensificam a disputa por votos	Guerra, Jogo de Xadrez e Jogos Esportivos	Negociação, disputa (3x), ganhar (3x), arena, estratégia, mexer as peças, campo, placar final, campeonato, partida final, técnico, bater pênalti, vitória, estratégia, jogo, trunfo, queda de braço
16/04 - Câmara tem discursos sobre <i>impeachment</i> pelo 2º dia seguido	Guerra e Corrida de Cavalo/Carro	Ganhando, contra e a favor, disputam
16/04 - Manifestantes entram em	Guerra	Conflito, confrontam,

conflito em frente a hotel de Lula		atacaram, favor e contra
16/04 - Manifestações acontecem na noite deste sábado (16) pelo país	Guerra	Favor e contra (2x)
16/04 - <i>Impeachment</i> transforma Brasília em uma cidade dividida	Guerra	Dividida (5x), dois lados (4x), lados opostos

Fonte: elaborado pelas autoras

No primeiro momento, buscou-se uma abordagem quantitativa para indicar as menções a termos que remetem ao contexto do enquadramento lúdico dramático. No enquadramento tipo Guerra, ao longo dos textos ocorreram cinco menções das palavras atacar/ataca/atacou/atacaram e oito de defender/defesa; duas de conflito e lados opostos; dois lados foram citadas quatro vezes; contrários e confrontos apenas uma. Há uma menção às palavras inimigo e tiroteio. A expressão dividida foi citada seis vezes; contra recebeu 34 citações, a favor/pró obtiveram 25 menções e disputa/disputam foram citadas 7 vezes. O termo batalha apareceu em três momentos; a palavra aliados duas e embates e munição apenas uma vez cada.

Em ‘Jogos Esportivos’ foram mencionadas as expressões campo, grande arena, placar final, partida final, técnico, bater pênalti, mão grande, tapetão, defender, empate e campeonato de futebol. Em ‘Jogo de Xadrez’ foi possível mapear as palavras jogo, carta fora do baralho, estratégia, trunfo, mexer as peças, queda de braço e regra do jogo. Por fim, para ‘Corrida de Cavalo’ constatou-se seis menções da palavra vitória; três dos termos vencer/vencedores/vencidos; oito para ganhar/ganhando/já ganhou, duas citações de comemoração, duas de perder e oito das palavras derrotar/derrota/derrotado.

Para a análise, em função da amplitude da amostra, optou-se por aprofundar a leitura das reportagens nas quais se identificou mais de um enquadramento lúdico dramático.

A reportagem “Comissão aprova relatório a favor do *impeachment* da presidente Dilma” obteve os enquadramentos Guerra e Corrida de Cavalo. Importante destacar que toda tensão entre a oposição e o governo foi narrada de forma a amplificar os ânimos exaltados do Congresso Nacional, sendo possível enquadrá-la no tipo Guerra. O enquadramento Corrida de Cavalo reflete a vitória da ala oposicionista, que consegue aprovar o relatório e comemora com vitória a primeira fase do processo que visava afastar Dilma.

A matéria “Por descuido, Temer envia a grupo discurso sobre *impeachment*”, também traz o enquadramento tipo Guerra. A reportagem mostra que o *Whatsapp* enviado pelo então vice-presidente a um grupo de deputados, com demonstração do discurso que estava preparando em caso de aprovação do *impeachment*, acirrou os ânimos. Conforme apontou a matéria, o discurso “deu mais munição para o embate entre os aliados e os que criticam o governo”.

Com os enquadramentos Guerra, Corrida de Cavalo/Carro e Jogos de Xadrez, a reportagem “*Impeachment: segurança é reforçada dentro e fora do Congresso*” reproduz a animosidade nos arredores da Esplanada dos Ministérios na semana anterior a votação. A narrativa aponta que a polícia preparava um esquema para separar em dois grandes grupos os favoráveis e os contrários ao afastamento. A matéria reproduz o que seria uma grande arena, com um muro de metal de dois metros de altura entre os manifestantes.

Na reportagem “Sem citar nomes, Dilma acusa Temer e Cunha de traição e conspiração,” sobre a aprovação do relatório favorável ao afastamento dela, prevaleceu o enquadramento tipo Guerra. O texto fala dos bastidores das negociações entre os deputados na conquista dos votos. No duelo também prevalecem as marcas do enquadramento Corrida de Cavalo, pelo emprego dos termos comemoração e ganhar a disputa, como se percebe no discurso do ex-Ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Celso Pansera: “E vamos ganhar de novo. Vamos ganhar de novo. E espero que respeitem. E espero que dessa vez respeitem o resultado”.

Na mesma reportagem, a entrevista de Dilma à repórter da TV Globo enquadra-se no tipo Jogo de Xadrez, conforme segue: “Olha, querida, se eu perder, eu estou fora do baralho”. Sobre a entrevista, o deputado Roberto Freire (PPS) rebateu a afirmação: “É um sinal de que está aceitando a regra do jogo. Então, estão avançando. Pelo menos estão começando a admitir que é democrático”. Mais adiante, a reportagem recorre ao enquadramento Corrida de Cavalo, em que os termos vencer e batalha ganham destaque na voz da então Presidente: “Vamos vencer essa batalha, essa batalha contra o golpe, contra o *impeachment* sem base legal”.

A reportagem “Batalha por votos sobre *impeachment* é acirrada entre deputados” traz o enquadramento Jogos Esportivos, além de Guerra e Corrida de Cavalo. Além disso, termos habitualmente usados em esportes, como placar e regra do jogo, aparecem nas entrevistas e

nas narrativas jornalísticas, que narram o duelo entre os deputados contrários e favoráveis ao afastamento e a euforia pelos resultados em torno da suposta derrota ou vitória do governo.

O enquadramento Jogos Esportivos pontuou a reportagem “Plenário da Câmara tem primeiro dia de discussões sobre *impeachment*.” Entre os discursos contrários ao afastamento da petista, o deputado Paulo Teixeira (PT) aponta que o processo de *impeachment* não é legítimo, por ser encabeçado por setores políticos que não ganharam a eleição e pretendem “tirar na mão grande, no tapetão”. A expressão faz apologia aos jogos de futebol, quando um time que não venceu em campo recorre à justiça para rever o resultado.

Na reportagem “Nas redes sociais, Dilma ataca defensores do *impeachment*”, predominou o enquadramento do tipo Guerra, com apenas uma terminologia dos Jogos de Xadrez para narrar as trocas de acusações entre Dilma e Temer, após um pronunciamento da ex-Presidente realizado pela *internet*, no qual ela mencionou que o processo de *impeachment* não tinha bases legais e apontou os riscos do processo à população.

A mesma reportagem indicou que o então vice-presidente Michel Temer e seus aliados responderam às acusações e se defenderam dos ataques de Dilma ao indicar que, após o afastamento dela, pretendiam ampliar os programas sociais. Importante notar que os termos ataque e defesa foram inseridos nas narrativas jornalísticas dos pronunciamentos de Dilma e de Temer, ressaltando um ambiente de duelo.

Os enquadramentos Guerra, Jogo de Xadrez e Jogos Esportivos marcaram a reportagem “Governo e oposição intensificam a disputa por votos,” a qual buscou reproduzir o ambiente de negociação que ocorria nos bastidores da política. O enquadramento Jogos Esportivos apareceu mais de uma vez em sintonia com uma partida de futebol, sobretudo na reprodução da entrevista do deputado Federal Thiago Peixoto (PSD-GO). A reportagem deu voz ao deputado, que reassumiu o mandato do qual havia sido licenciado somente para votar pelo *impeachment*. Aqui, a menção a estratégia de ‘Jogos Esportivos’ está presente na própria fala do deputado: “Nesta arena, uma das estratégias dos dois lados nos últimos dias foi a de mexer as peças. Alguns suplentes tiveram que sair. É do jogo e nem puderam reclamar. Eles não são donos do mandato. E titulares entraram em campo, assumiram as vagas para registrar o voto no placar final”.

Na sequência, o discurso do deputado Federal Raul Jungmann (PPS-PE) fez novas referências a jogos de futebol, ao apontar sua frustração, como suplente, em ceder seu lugar ao titular: “É como se você tivesse na partida final do campeonato e, aos 89 minutos, sofresse um pênalti. O técnico te tira e outro vai bater o pênalti da vitória e do campeonato. É triste? É. Mas é legítimo.” Ao fim da reportagem, o deputado Federal Darcísio Perondi (PMDB-RS) reitera o ambiente de competição, ao afirmar que o jogo termina quando acaba a votação, por entender que o governo ainda tinha um trunfo para negociar com o Congresso – a liberação de emendas parlamentares individuais. Ao retomar metáforas de jogos de futebol, as reportagens recuperam o impulso da competição, que “é próprio também da política, está enraizado na cultura e o leitor depreende facilmente as relações de enfrentamentos, alianças, vitórias e derrotas” (MOTTA, 2007, p. 10)

A matéria “Câmara tem discursos sobre *impeachment* pelo 2º dia seguido” reproduziu o ambiente de debates do plenário. Ela se apropria dos componentes do enquadramento tipo Guerra ao retratar um cenário de competição, no qual os parlamentares se revezavam em discursos contra e a favor. O blefe de cantar vitória, presente nos discursos de oposição e governo, enquadra-se no tipo Corrida de Cavalo/Carro.

Outra menção ao enquadramento tipo Guerra pontuou a reportagem “Manifestações acontecem na noite deste sábado (16) pelo país”, para evidenciar atos contrários e favoráveis ao *impeachment* em inúmeras localidades. Na mesma linha, a matéria “*Impeachment* transforma Brasília em uma cidade dividida” mostra que a Capital Federal foi planejada para ser palco de manifestações sociais, sendo que desde a sua construção, pela primeira vez estava dividida entre grupos em lados opostos.

No âmbito interpretativo, nota-se que a estratégia comunicativa do *Jornal Nacional* foi a de amplificar o ambiente de tensão que havia no Congresso Nacional e nas casas palacianas às vésperas de votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados. Os fatos foram narrados de modo a enquadrá-los em uma perspectiva competitiva, de forma a prender a atenção da audiência para os temas pautados.

Nas referidas edições, a ação política na qual teve origem todo o processo de *impeachment* ficou no passado. Os personagens entrevistados estavam em clima de disputa. Rothberg (2007, p. 15) descreve ambientes semelhantes no qual se pautou o

telejornal da seguinte forma: “[...] a ênfase jornalística se dá sobre as consequências dos supostos choques entre opções diferentes para a dinâmica de poder dentro dos partidos, do parlamento, e para a ascensão ou declínio do próprio político, aliados e adversários”.

Considerações finais

A cobertura da votação do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados foi construída pelo *Jornal Nacional* a partir do embate entre o governo e a oposição, tendo o conflito como elemento estruturante das narrativas. Tais disputas políticas foram representadas por metáforas tipo jogos, presentes no cotidiano do telespectador, e por isso mesmo passíveis de serem identificadas por ele, tal como aponta Motta (2007), como metáforas da vida.

As terminologias retiradas da cultura dos jogos – estratégias, disputas, vencedores, ganhadores, entre outras – pontuaram o enredo da cobertura política do telejornal. Ao aplicar a metodologia do enquadramento, ficou evidente a estratégia do principal noticioso do país para salientar as lutas políticas que nortearam toda a discussão do *impeachment*. Essa maneira dramática de divulgar os fatos contribui para prender a atenção do telespectador, que se vê enredado em uma sequência de notícias fáceis de serem assimiladas.

Ao tentar reproduzir tal disputa de forma tão teatralizada, o noticioso acabou por mostrar a tragédia da política nacional. Distante de seus objetivos, longe da política, mas em busca do poder pelo poder.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. **O campo político**. Revista Brasileira de Ciência Política, v. 1, n. 5, p. 193-216, jan./jul. 2011.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia da crítica da mídia.** SBPJor Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo 5o Encontro Nacional de Pesquisadores de Jornalismo, Universidade Federal de Sergipe, 15 a 17 de novembro de 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo:** mapas culturais para organizar conflitos políticos. Revista Intexto, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 1-25, jul./dez. 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Espetáculo, política e mídia. In: França, V., Weber, M. H., Paiva, R., Sovik, L. (Orgs). **Estudos de Comunicação.** Porto Alegre: Estudos de Comunicação, 2003.

WEBER, Maria Helena. **Espaço público e acontecimento:** do acontecimento público ao espetáculo político-midiático. Caleidoscópio – Revista de Comunicação e Cultura, n. 10, Edições Universitárias Lusófonas. No. 10. Ano 11.